

DINÂMICAS TERRITORIAIS DO NARCOTRÁFICO NA AMAZÔNIA: OS BAIRROS DO GUAMÁ E DA CABANAGEM NA CIDADE DE BELÉM (PA) ¹

Leandro Maciel Sarrazin da Rosa ²

Isac José Murta Nunes ³

RESUMO

No atual cenário do narcotráfico na Amazônia, a periferia de Belém tem apresentado “novas” dinâmicas de controle e regulação por parte dos grupos criminosos. Os bairros do Guamá e da Cabanagem, pertencentes à capital paraense, não estão excluídos desse contexto. Neste sentido, a presente pesquisa tem por objetivo geral Analisar a dinâmica territorial do narcotráfico nos bairros Cabanagem e Guamá, mas especificamente: a) Localizar os principais bairros de atuação do narcotráfico em Belém; b) Verificar as estratégias de territorialização dos narcotraficantes; c) Compreender as implicações socioespaciais da atuação do narcotráfico em relação ao cotidiano da população. Assim, como procedimentos metodológicos, se realizou levantamento bibliográfico, levantamento documental, trabalhos de campo com registros fotográficos, além de sistematização dos dados obtidos. Através da pesquisa se identificou uma territorialização da facção do Comando Vermelho nos bairros periféricos de Belém, com dinâmicas de controle de serviços, a proibição de assaltos em um processo de pacificação por meio do crime, a coerção, o disciplinamento, dentre outras práticas que resultam no controle das áreas nas quais ocorrem as práticas de extorsão impostas pela facção.

Palavras-chave: Narcotráfico, Amazônia, Belém, Território.

ABSTRACT

In the current drug trafficking scenario in the Amazon, the outskirts of Belém have seen "new" dynamics of control and regulation by criminal groups. The Guamá and Cabanagem neighborhoods, both in the capital of Pará, are not excluded from this context. Therefore, this research aims to analyze the territorial dynamics of drug trafficking in the Cabanagem and Guamá neighborhoods, but specifically: a) Locate the main neighborhoods of drug trafficking activity in Belém; b) Examine drug traffickers' territorialization strategies; c) Understand the socio-spatial implications of drug trafficking activities on the daily lives of the population. Methodological procedures include a bibliographical survey, a documentary survey, fieldwork with photographic records, and systematization of the data obtained. Through the research, a territorialization of the Comando Vermelho faction in the peripheral neighborhoods of Belém was identified, with dynamics of control of services, the prohibition of robberies in a process of pacification through crime, coercion, discipline, among other practices that result in the control of the areas in which the extortion practices imposed by the faction occur.

Keywords: Drug trafficking, Amazon, Belém, Territory.

¹ Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará - UEPA, leandro.rosa@aluno.uepa.br

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará - UEPA, isacmurta1@gmail.com

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo tem enfrentado diversas dificuldades, seja de cunho político, climático, econômico e tantos outros. Uma delas deriva da chamada guerra contra às drogas, que tem o intuito de erradicar o comércio de drogas consideradas ilegais. Da mesma maneira, no Brasil, a venda de drogas tem sido tratada como um problema de segurança pública. Combinado com o intenso crescimento de suas cidades, cujo tem resultado na ampliação das desigualdades entre seus habitantes, grupos se instalaram em bairros periféricos para exercerem atividades ilícitas, tornando-os espaços de confrontos destes com agentes de segurança pública.

Nesse cenário, a Amazônia se tornou uma região estratégica para atuação do narcotráfico, devido a fatores como a facilitação do escoamento de narcóticos, por fazer fronteira com países que são grandes produtores de narcóticos, a presença ineficiente do Estado e a grandiosidade de sua vegetação e de corpos hídricos, dentre outros (Couto, 2024). Belém, uma das principais metrópoles da região amazônica, possui também a atuação de narcotraficantes que se instalam em suas periferias. Estes têm cada vez mais se complexificado, se organizando em facções e exercendo em bairros periféricos desta cidade, como o Guamá e a Cabanagem, determinado controle, a partir da regulação da entrada e saída de pessoas desses espaços, através da cobrança de taxas para comerciantes e para moradores, imposição de regras, além da repressão a aqueles que se oporem às suas normas.

Em meio a essa conjuntura, os habitantes da periferia da cidade se tornaram vítimas desses grupos, sendo extorquidos e também mortos. Diante disso, os questionamentos que norteiam essa pesquisa são: Como se dá a dinâmica territorial dos agentes do narcotráfico nos bairros da Cabanagem e Guamá? Quais as estratégias de territorialização usadas pelos narcotraficantes? Quais os principais bairros de atuação do narcotráfico em Belém? Quais as implicações socioespaciais do narcotráfico em relação ao cotidiano da população?

O estudo tem por objetivo geral analisar a dinâmica territorial do narcotráfico nos bairros Cabanagem e Guamá, mas especificamente: a) Localizar os principais bairros de atuação do narcotráfico em Belém; b) Verificar as estratégias de territorialização dos narcotraficantes; c) Compreender as implicações socioespaciais da atuação do narcotráfico em relação ao cotidiano da população.

Esta pesquisa tem sua importância devido à dinâmica urbana na Amazônia, assim como no Brasil, ter se intensificado e se tornado mais complexa a partir das últimas décadas do século XX. Por isso, faz-se necessário uma maior expressividade de pesquisas científicas que busquem compreender os espaços urbanos amazônicos. Outra justificativa para o



desenvolvimento desse estudo é o fato de a capital paraense, assim como outras cidades brasileiras, ser marcada por injustiças sociais e espaciais, assim como possuir diversos problemas sociais urbanos, dentre eles a violência. Neste sentido, as condições de (in)segurança são importantes indicativos de desigualdades socioespaciais nos grandes centros urbanos.

Ademais, a metrópole de Belém é uma das mais importantes localidades da Região Norte do Brasil. Apesar disso, sua população convive com o medo e as consequências do crime organizado e do narcotráfico. Assim, essa pesquisa visa contribuir para que haja a criação de políticas públicas que enfrentem ações criminosas e preservem a vida. Por fim, nos últimos anos a questão do narcotráfico na região amazônica ganhou muita força na discussão regional, nacional e internacional, havendo poucos trabalhos que explorem este fenômeno. Assim, ainda há uma carência de estudos que se aprofundem na relação entre Amazônia e narcotráfico, bem como colaborem com sua compreensão.

Além desse tópico introdutório, constam neste trabalho quatro seções. A primeira se volta para a explanação dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Posteriormente, a segunda contém o referencial teórico, trazendo uma discussão sobre o narcotráfico na Região Amazônica, a função que suas cidades exercem frente às atividades do tráfico de drogas, e a constituição de territórios das facções nas periferias. A terceira se dedica a discussão sobre o narcotráfico na cidade de Belém, com elementos empíricos dos bairros do Guamá e da Cabanagem. Por fim, na quarta seção, que também conclui o artigo, sintetiza a dinâmica do Comando Vermelho nos bairros estudados, assim como na metrópole paraense e na Amazônia.

METODOLOGIA

O estudo das dinâmicas territoriais do narcotráfico na Amazônia, como qualquer pesquisa científica, deve levar em consideração alguns procedimentos que permitam levantar informações, cruzar dados, fazer inferências necessárias ao alcance dos objetivos propostos. Neste sentido, a pesquisa tem como *lôcus* de pesquisa os bairros do Guamá e da Cabanagem, enquanto que seu objeto de estudo são as implicações socioespaciais das ações dos componentes do narcotráfico para controlar territorialmente os bairros onde atuam.

Assim, como procedimentos metodológicos utilizados neste estudo, se lançou mão inicialmente de um levantamento bibliográfico, com a busca dos principais estudos públicos já realizados que versem sobre temáticas pertinentes à fundamentação teórica desta pesquisa (Marconi; Lakatos, 2003). Em seguida, se realizou um levantamento documental, o qual,

conforme Gil (2008) “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (p. 51). Em vista disso, foram utilizados dados produzidos pelo Instituto Mãe Crioula, em especial os que apresentavam informações sobre o fluxo de drogas na cidade de Belém.

Posteriormente, desenvolveram-se trabalhos de campo com registros fotográficos nos bairros do Guamá e da Cabanagem, visando à coleta de informações e depoimentos sobre a atuação dessa facção. Diante disso, a investigação tem uma abordagem qualitativa. Neste sentido, essa investigação exigiu o contato direto com a realidade dos bairros do Guamá e da Cabanagem, tornando sua realidade a principal fonte de informações à compreensão de suas atuações.

De modo transversal aos levantamentos documentais e aos trabalhos de campo se realizou a sistematização dos dados obtidos, momento em que se realizou uma tabulação destas informações. Assim, foram produzidos mapas a partir da submissão dos dados a operações de processamento e geoprocessamento em Sistemas de Informação Geográfica (GIS). Após serem tabulados, essas informações foram, analisadas, comparadas e discutidas, verificando suas relações e avaliadas suas significâncias (Gil, 2008).

Diante disso, a investigação terá uma abordagem qualitativa, uma vez que:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (Prodanov e Freitas, 2013, p.70).

Por conseguinte, essa investigação exigiu uma análise cuidadosa das informações referentes ao narcotráfico nos bairros do Guamá e da Cabanagem, através da compreensão das suas variáveis, classificação dos processos experimentados por determinados grupos sociais e, ainda, interpretação dos comportamentos e das atitudes dos indivíduos envolvidos neste fenômeno. Durante todo este processo se analisou, discutiu e elaborou a redação que constitui este estudo. Ressalta-se que este artigo é fruto de uma pesquisa, em nível de mestrado, que está em andamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Amazônia brasileira constitui-se enquanto uma das mais importantes regiões que funcionam como entreposto comercial para o tráfico internacional de drogas. De certo, a sua localização geográfica próxima aos principais produtores de cocaína do mundo (Bolívia, Colômbia e Peru), a dinâmica da natureza com a presença de rios que integram a bacia

hidrográfica sul-americana, a diversidade da floresta que é utilizada como espaços que abrigam laboratórios clandestinos de refino de drogas ou que escondem guerrilheiros armados, e por fim, os múltiplos crimes ambientais que ocorrem na região, todos conectados, contribuem para o fortalecimento do crime organizado (Couto, 2024).

Aproveitando as lacunas deixadas pela limitada presença do Estado e de baixas infraestruturas, o narcotráfico consolidou-se na Amazônia como um sistema logístico complexo, estabelecendo uma rede de rotas que ligam os países andinos aos grandes consumidores no mercado brasileiro e internacional. Nesse sentido, as cidades da Amazônia tornaram-se “nós” de uma rede de articulação que, organizada, ultrapassa os limites fronteiriços do território brasileiro, formando uma interação regional/global dos fluxos do narcotráfico com destino, em especial, ao continente europeu e africano, conforme a *United Nations Office On Drugs and Crime - UNODC* (2023).

Dentro do contexto do tráfico de drogas na Região Amazônica, as cidades são espaços utilizados pelo narcotráfico para a organização e efetivação de suas atividades, devido a suas infraestruturas e articulações econômicas. Neste sentido, conforme segundo o Instituto Mãe Crioula (2023), “as áreas urbanas dos municípios da Amazônia, ou mais especificamente as cidades, tornam-se ‘nós’ integrados por ‘arcos’ configurando os fluxos das ilegalidades” (p. 57).

Assim, as cidades amazônicas são espaços que concentram altos fluxos aéreos, marítimos e rodoviários, possuindo dessa forma as condições de integração necessárias para a atuação dos narcotraficantes. Isso se dá em função delas se consolidarem na estruturação espacial das redes ilegais da região amazônica exercendo não somente uma força centrípeta, mas também uma força centrífuga, sendo ora concentradora, ora dispersora (Santos, 1996) dos fluxos informacionais e materiais do narcotráfico.

Apesar de a violência urbana estar presente nas cidades, ela não é vivenciada de maneira igual por todos os cidadãos. Isto ocorre porque fatores sociais e geográficos influenciam na espacialização da violência dentro das cidades, afetando de maneira diferente a população. Não restam dúvidas que um dos principais problemas no que se refere à segurança pública no Brasil está relacionado à atuação de diversos grupos criminosos, como traficantes, milicianos e bicheiros, por exemplo.

Hodiernamente, esses grupos estão cada vez mais organizados e articulados, estando inseridos em diferentes redes como no tráfico internacional de drogas e de armas. Além disso, a complexidade de suas articulações também alcançou o Estado, envolvendo servidores e funcionários públicos de diferentes poderes em mecanismos de corrupção e lavagem de

dinheiro, que levou diferentes pesquisadores a questionarem o conceito de poder paralelo, como aponta De Moraes (2000).

De certo, a discussão sobre o narcotráfico no Brasil na atualidade, bem como na Amazônia brasileira, perpassa pelo entendimento das facções criminosas, suas atuações e conexões. Após suas formações, esses grupos expandiram suas atividades ao longo dos anos e passaram a controlar penitenciárias, ingressaram no mercado do tráfico de drogas, se instalaram também em bairros e comunidades onde passaram a exercer domínio.

Na contemporaneidade, conforme o Instituto Mãe Crioula (2024), elas estão cada vez mais presentes na região amazônica, seja por facções que surgiram na própria região, mas principalmente por facções externas que ampliaram sua atuação adentrando o território amazônico. Neste sentido, dos 772 municípios da Amazônia Legal, 261 contam com a presença e atuação de facções criminosas, o que representa 1 terço dos municípios amazônicos (Instituto Mãe Crioula 2024).

Dessa maneira, as facções encontram-se cada vez mais presentes na Região Amazônica, usufruindo tanto de espaços agrários, quanto de espaços urbanos para suas atuações. Estes últimos são espaços importantes para esses grupos, especialmente nas metrópoles, haja vista que elas fornecem estruturas e dinâmicas de escoamento da droga favoráveis, além de serem importantes mercados consumidores.

Por isso, as metrópoles amazônicas acabam tendo um papel significativo na organização espacial do crime, com destaque para os bairros periféricos, sobretudo, nas áreas mais precarizadas em que os territórios são instituídos, sendo controlados por facções criminosas. Nessa dinâmica, eles buscaram se instalar em bairros mais carentes, onde puderam realizar suas atividades às margens da atuação das forças de segurança, armazenando e comercializando drogas. Assim, o narcotráfico passou a desempenhar um controle territorial sobre a periferia urbana, tornando seus territórios.

Em suas reflexões, Raffestin (1993) compreende que o espaço vem antes do território, no sentido de que ele é uma produção das relações de poder estabelecidas entre os agentes a partir do espaço. Para o autor, qualquer prática espacial dos agentes se torna também uma produção territorial. Consoante Haesbaert (2014), o território refere-se a uma dimensão do espaço geográfico que focaliza nas relações ou práticas de poder. Para ele, o território pode ser analisado tanto pelas relações de poder estabelecidas pelo Estado, mas também por outras esferas da sociedade. Isso ocorre porque o poder envolve diversos setores, sendo, pois, inerente às relações sociais, estando presente inclusive em atividades ilícitas.

Em suas reflexões sobre o território, Haesbaert (2014) pondera que este precisa ser levado em consideração a partir das intenções dos sujeitos. Assim o autor diferencia o território em dois tipos: os territórios funcionais e os territórios simbólicos, dizendo que

Desde sua origem, o território nasce como uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com essa dominação ficam aliados da terra, ou no territorium são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva apropriação (em termos lefebvrianos) (Haesbaert, 2014, p. 57).

Isso porque o território refere-se ao uso do poder seja no sentido mais implícito, em uma acepção mais simbólica da apropriação, seja no seu sentido mais explícito, para a dominação. Assim, este estudo destaca os bairros periféricos enquanto áreas funcionais para a atuação do narcotráfico, como locais onde estes se escondem, comercializam e controlam fluxos, em suma, exercem o domínio.

Nesse sentido, a atuação do tráfico de drogas é também uma atuação permeada de poder pois, para a realização desta atividade, que cada vez mais tem se entrelaçado com outras atividades ilícitas, os traficantes exercem ações que denotam a utilização de poder dentro dos seus territórios. Sobre isso, Souza (2008) diz os bairros periféricos são preteridos para a atuação desses grupos por possuírem mão de obra barata e “descartável”, assim como terem uma localização e organização espacial interna vantajosa. Assim, a atuação do narcotráfico tem permeado os bairros periféricos de diferentes cidades brasileiras, estando presente inclusive, em cidades da região Amazônica.

Na conjuntura urbana do tráfico/varejo da droga, Belém se apresenta como um importante mercado consumidor, visto que, parte da droga que passa pela cidade para ser enviada para outras regiões, fica aqui para atender as demandas internas. A capital paraense ocupa um ponto estratégico na Amazônia Oriental, pois está localizada próxima à costa atlântica e tem acesso facilitado aos principais rios da região, o que a transforma em um importante “nó” para a distribuição de drogas (Couto, 2018).

Nesse contexto, o narcotráfico emerge como um fenômeno que transcende o âmbito criminal, configurando territórios marcados por poder, violência e obediência, criando estruturas organizacionais para o controle territorial. Essa dinâmica em Belém é intensificada pelas condições de vulnerabilidade social presentes nas periferias. Os bairros que compõem a periferia da metrópole amazônica sofrem com problemas estruturais de ocupação urbana marcadas por um processo histórico de contradições sociais oriundas da ausência de reforma

urbana, ou mais ainda, da precária presença do poder público. Estes ambientes tornam-se favoráveis às organizações criminosas que passam a se apropriar das mazelas sociais e da vulnerabilidade. A territorialização do narcotráfico, portanto, não é apenas um reflexo do mercado ilícito, mas uma consequência da precariedade urbana e das desigualdades sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos tempos atuais, as cidades tornaram-se espaços de grande importância para a humanidade, pois cada vez a maioria da população mundial tem nelas habitado. Para além de pessoas, elas também se tornaram áreas onde ocorrem dinâmicas econômicas, políticas, culturais e sociais. É certo que existe uma pluralidade de cidades no mundo, com diferentes características, sendo a Amazônia também uma região que detém uma diversidade urbana própria, a qual não é uma tarefa simples de tipificar.

Em suas investigações sobre a cidade de Belém, importante metrópole amazônica, Trindade Júnior (2016) analisa sua metropolização iniciada na década de 1960 através de políticas públicas para integrar a região ao restante do país, as quais refletiram em novas atividades urbanas do Estado e de empresas privadas, bem como um crescimento populacional. O autor pontua que a ocupação das baixadas por grupos mais carentes ocorreu devido à migração rural-urbano. Apesar de alagáveis, as áreas de baixas cotas altimétricas na Primeira Léguas Patrimonial são acessíveis à área central da metrópole belenense devido sua proximidade. Além disso, a presença de uma espécie de “cinturão institucional” formado nos anos 1940 por instituições do Estado nos limites da Primeira Léguas dificultou a expansão horizontal contínua da cidade e intensificou o adensamento populacional.

Assim, o autor afirma que essas condições proporcionaram à cidade de Belém uma forma confinada, na qual as principais dinâmicas urbanas restringiam-se aos bairros da Primeira Léguas Patrimonial. É neste momento histórico da capital paraense que ocorre o adensamento do bairro do Guamá. Atualmente com 81.227 habitantes (IBGE, 2022), ele se configura por ter proximidade da área central de Belém, sendo ocupado por habitantes de baixa renda e tendo como uma de suas características físicas baixa cota altimétrica, estando sujeito a alagamentos.

Posteriormente, Trindade Júnior (2016) expõe que na década de 1970 a expansão da malha urbana belenense ultrapassou o cinturão institucional, com crescimento rumo à Rodovia Augusto Montenegro e a BR-316, o que fortaleceu o crescimento populacional, a periferização e proporcionou a junção da malha urbana com outros municípios. Desse modo, a capital paraense passou por um processo de reestruturação, com uma redefinição dos seus

espaços internos. Isto proporcionou uma configuração de metrópole dispersa à Belém, com intensa urbanização, crescimento da malha urbana, e dos fluxos de população (Trindade Júnior, 2016).

Essas características marcam a formação do bairro da Cabanagem, cujo possui 22.563 moradores (IBGE, 2022) e se encontra no eixo da Rodovia Augusto Montenegro, estando afastado da área central de Belém e tendo proximidade aos limites do município de Ananindeua. Apesar de ter em suas imediações conjuntos residenciais fechados construídos pelo setor privado, o bairro da Cabanagem se formou a partir de ocupações populares, o que evidencia uma dinâmica de periferização.

A periferia de Belém, capital do estado do Pará, historicamente tem se configurado como um espaço em disputa envolvendo gangues, facções, milícias e o Estado, embora em relação às facções, o CV atualmente seja praticamente hegemônico, encontrando pouca resistência. Nesse contexto, o narcotráfico emerge como um fenômeno que transcende o âmbito criminal, configurando territórios marcados por poder, violência e obediência, criando estruturas organizacionais para o controle territorial, como se verá mais adiante.

Em Belém, essa dinâmica é intensificada pelas condições de vulnerabilidade social presentes nas periferias. Os bairros que compõem a periferia da metrópole amazônica sofrem com problemas estruturais de ocupação urbana marcadas por um processo histórico de contradições sociais oriundas da ausência de reforma urbana, ou mais ainda, da precária presença do poder público. Estes ambientes tornam-se favoráveis às organizações criminosas que passam a se apropriar das mazelas sociais e da vulnerabilidade.

A territorialização do narcotráfico, portanto, não é apenas um reflexo do mercado ilícito, mas uma consequência da precariedade urbana e das desigualdades sociais. No contexto de Belém, essas áreas já haviam sido cenário de outras manifestações de poder que resultaram em dinâmicas de violência, eram relações de poder manifestadas em formas de conflitos envolvendo as antigas gangues que foram muito presentes nos anos 1990 sendo substituídas pelas facções no século XXI.

Sobre o contexto de territorialização do narcotráfico nas periferias de Belém, Couto (2020) identifica três fases distintas nesse processo. A primeira fase, chamada de embrionária, ocorreu durante os anos 1980, onde o narcotráfico estava focado na venda de maconha em pequenas “bocas de fumo”⁴. Essa fase é marcada pelo caráter incipiente do mercado de

⁴ locais onde as pessoas dirigiam-se para comprar maconha. Elas ainda existem, mas obedecem um novo modelo de comércio/varejo da droga (Couto, 2020).

drogas, quando o consumo ainda era restrito e a violência associada ao tráfico não havia alcançado os níveis atuais.

A segunda fase, denominada de fase de expansão, se estendeu dos anos 1990 até 2006. Ela é caracterizada pela expansão do mercado de drogas, com gangues de pichadores sendo incorporadas pelos traficantes. A pasta base de cocaína passou a ser comercializada em larga escala e os territórios foram demarcados por pichações que identificavam os grupos que controlavam cada área, costume que continua até os dias atuais. Durante essa fase, surgem em Belém figuras como os “aviãozinhos”⁵ e os “olheiros”⁶. Essa organização garantiu maior controle territorial e permitiu a expansão das atividades do narcotráfico para diversos bairros periféricos da cidade.

Chamada de fase de consolidação, a terceira fase inicia em 2007, período em que antigas gangues desapareceram, sendo substituídas por facções do tráfico de drogas. Couto (2020) ressalta que essa fase foi marcada pela popularização da cocaína em pó, o que impulsionou ainda mais o comércio de drogas. Além disso, Belém intensificou sua integração a um circuito espacial mais amplo, conectando-se às redes da comercialização de narcóticos que operam em escala regional e global. Essa integração fortaleceu as facções locais e consolidou os territórios do narcotráfico na periferia da cidade.

Na atualidade, pode-se falar em uma quarta fase do processo de territorialização do narcotráfico em Belém, marcada pela hegemonia do Comando Vermelho (CV). O ingresso deles na capital paraense está associado a fatores externos, já que em 2007 havia surgido no estado do Amazonas a facção Família do Norte (FDN) que detinha o controle da rota do rio Solimões na fronteira com Bolívia, Colômbia e Peru. Este fato obrigou a facção carioca a buscar estratégias para ter acesso a droga advinda da fronteira no estado amazonense. Neste sentido, eles estabeleceram alianças com a facção amazonense para ter acesso à droga mais barata.

Contudo, os narcotraficantes do Pará sempre tiveram fortes relações com a FDN. Dessa forma, a transferência em 2010 de um dos maiores traficantes de Belém para a penitenciária federal de Porto Velho (RO) culminou em seu “batismo” por parte do CV. Logo, a partir desse momento a facção carioca ingressa no estado. Os narcotraficantes do Pará tornaram-se seus maiores aliados, passando a fazer parte deste grupo criminoso e utilizando a sua marca CVRL (Comando Vermelho Rogério Lemgruber) ou “Tudo 2”. Esta estratégia por parte do CV facilitou seu acesso à droga que ingressa na fronteira controlada pela FDN.

⁵ Jovens responsáveis pela venda de drogas.

⁶ Monitoravam a movimentação de moradores e da polícia

Em 2016, houve uma reconfiguração das dinâmicas internas do narcotráfico no mercado brasileiro, pois foi o ano da morte do narcotraficante Jorge Rafaat, conhecido como “rei da fronteira”. Este acontecimento levou o Primeiro Comando da Capital (PCC) a ter o controle absoluto da rota do tráfico de drogas que liga a região da Bolívia e do Paraguai a Ponta Porã, e marcou a entrada do PCC no mercado internacional de drogas, ao mesmo tempo em que passam a ter o monopólio da entrada da droga no Brasil pela fronteira sul.

Todavia, em 2017 o CV e FDN romperam relações e tornam-se rivais, o que culminou em uma “guerra urbana” na cidade de Manaus, onde hoje o CV domina e praticamente a FDN deixou de existir. Ou seja, o que está em jogo nesta reorganização das facções criminosas é a busca pelo controle das principais rotas do narcotráfico na Amazônia. É justamente neste contexto que começa a quarta e atual fase de territorialização do narcotráfico na cidade de Belém com a presença principalmente do CV ocupando espaços em bairros periféricos. Para espacializar a presença do CV na periferia da capital paraense, a figura 1 apresenta os bairros que possuem células dessa facção.

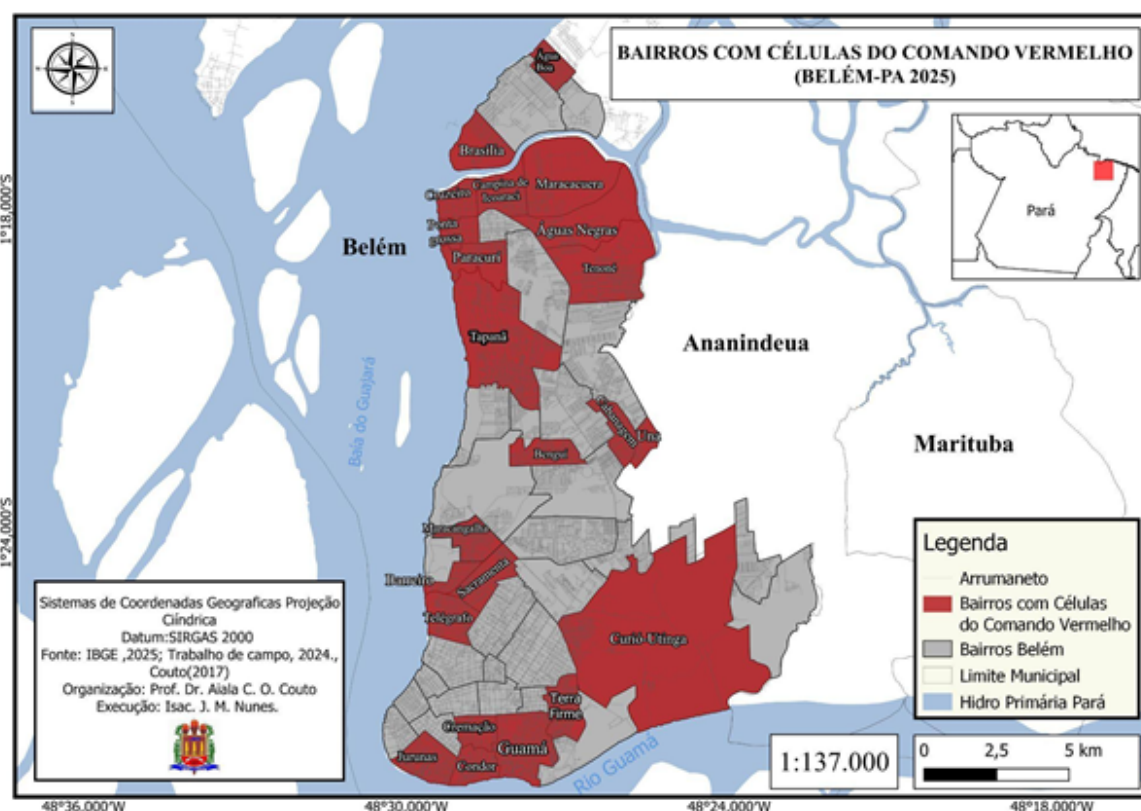


Figura 1: Bairros com células do Comando Vermelho (Belém-PA 2025).

Fonte: Elaboração própria a partir de Couto; da Rosa; Nunes, 2025.

Conforme a figura 1, o CV está presente em bairros de diferentes porções do município de Belém, desde as mais próximas ao centro da cidade, quanto às mais distantes. É

importante frisar que o destaque destes bairros não se trata de uma delimitação territorial que envolve o controle deles completamente por parte da facção. O que há na realidade é a identificação da presença desta facção nesses bairros, havendo zonas marcadas pela territorialidade de grupos criminais. Essa é mais uma violência enfrentada pelos moradores da periferia de Belém, os quais além de sofrerem com as condições de vulnerabilidade social, enfrentam também a coerção exercida por agentes violentos, nesse caso os faccionados.

Em Belém, a facção opera a partir de uma característica que se aproxima muito das milícias pelo fato de que em alguns bairros ou conjuntos habitacionais, o tráfico tem o controle dos serviços de internet, da venda de gás e da água potável, e até mesmo, promove serviços de segurança privada, com a proibição de assaltos aos moradores e outras práticas que, segundo eles, *possam tirar a paz dos nossos vizinhos*.

Diante disto, os territórios do narcotráfico são produzidos com base nas possibilidades de ganhos econômicos que não tem relação apenas com o mercado da droga, em outros termos, com a comercialização de cocaína e skank. Assim, o narcotráfico também lucra com ações que dizem respeito ao comportamento social dos moradores, neste caso por meio da coerção, disciplinamento e controle das áreas nas quais ocorrem as práticas de extorsão impostas pela facção.

Assim, na periferia de Belém são impostas regras que devem ser seguidas dentro da comunidade. A ideia pensada pela facção é de que proibindo assaltos e roubos na comunidade, evita-se uma maior presença da polícia, mas o que prevalece nessas áreas onde há a presença desta facção é a chamada *lei do silêncio*, que também é imposta por grupos milicianos. Estes nos últimos anos perderam espaço para o CV, porém, de forma discreta, continuam em atividade. Destaca-se que não são todas as áreas que contam com a presença do narcotráfico que prevalece a proibição de assaltos na comunidade, pois há casos onde ocorre a cobrança de *taxas do crime* aos comerciantes.

Em relação aos bairros do Guamá e da Cabanagem, a facção criminosa cobra taxas aos comerciantes, investe no circuito inferior da economia, realiza práticas de agiotagem e controla o funcionamento de alguns transportes alternativos, inclusive estabelecendo limites para a circulação de motoristas de aplicativos. Moradores relatam que sofrem ameaças por parte de integrantes do CV, onde foi imposta a *taxa do crime* com valores que deveriam ser pagos para que seus comércios continuassem a funcionar, caso contrário, os estabelecimentos comerciais seriam fechados *a bala*.

Neste sentido, quando as regras impostas pela facção não são seguidas, aqueles que as descumpriram sofrem represálias, como torturas e assassinatos, sendo este último realizado

pelo *tribunal do crime*. Por vezes, tais ações são filmadas e divulgadas para a comunidade, como forma de servir de exemplo e evitar que outros moradores desobedeçam. Tais ações demonstram como a facção exerce controle dentro das periferias, onde através do poder ela possui influência e domínio sobre o território.

As pichações no âmbito do tráfico de drogas em Belém são formas de evidenciar o poder do narcotráfico e de estabelecer territórios. Elas possuem uma função na produção simbólica e de controle do território, além de ter a relação de afirmação das facções. Através das pichações eles delimitam áreas geográficas dentro dos bairros que determinam suas “zonas de ação” (Couto, 2020). A pichação destacada na figura 2 demonstra essas pichações no bairro do Guamá e da Cabanagem com mensagens que fazem referência ao Comando Vermelho.



Figura 2 - Pichação do CV no bairro do Guamá e da Cabanagem.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Há também o controle sobre a entrada e saída de pessoas não conhecidas dentro do território. No caso de Belém, essa se dá em uma escala menor, estando mais presente em zonas dos bairros onde o narcotráfico atua. Contudo, mesmo que não abranja completamente o bairro, isso traz consequências para ele todo uma vez que os tornam espaços estigmatizados, assim como seus moradores, como já mencionado anteriormente.

Outra informação importante é que a intensidade das formas de coerção e violência imposta pela facção se diferencia de acordo com o nível de controle territorial. Como exemplo, destaca-se o bairro do Guamá, onde a taxa do crime foi imposta a uma grande rede de supermercados paraense que teve suas vidraças quebradas e seus funcionários ameaçados, pelo simples fato de negarem o pagamento da taxa.

Nesse sentido, esses atos evidenciam como a facção desempenha um controle no interior dos bairros periféricos, na qual por meio do poder ela possui não somente influência, mas também domínio sobre o território. Sobre isso, Haesbaert (2014, p. 45) afirma que “grande parte do poder, hoje, envolve sujeitos que se contrapõem ou entram num jogo muito complexo com a estrutura estatal, principalmente através de circuitos ilegais, como é o caso do narcotráfico”. Assim, essa é mais uma violência enfrentada pelos moradores da periferia de Belém, os quais sofrem com as condições de vulnerabilidade social e enfrentam também a coerção exercida por agentes violentos, neste caso os faccionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com efeitos sobre a dinâmica urbana na metrópole de Belém, o narcotráfico nas últimas décadas foi responsável por reorganizar a estrutura criminal, sobretudo, nas periferias da cidade. A evolução dos grupos criminais se deu com base na importância que a região amazônica passou a ter para os circuitos espaciais das redes ilegais. Belém torna-se, com isso, um importante “nó” de interação espacial dos fluxos do narcotráfico, integrando-se às escalas de poder do crime organizado. É dessa forma que as periferias vêm sendo ocupadas pela dinâmica dos grupos criminais como o CV do Rio de Janeiro, que instituiu a criação de células no Pará.

Nesse sentido, na busca em localizar os principais bairros de atuação do narcotráfico em Belém, identificou-se que estes estão instalados em diferentes partes da cidade, estando presentes principalmente em bairros periféricos. Vale ressaltar que este estudo não pretende estigmatizar esses bairros, mas sim evidenciar mais um problema social, o qual tem se fortalecido nos últimos anos, e acomete seus moradores.

Verificando as estratégias de territorialização dos narcotraficantes, se observou que esta facção criminosa impõe lógicas de controle e regulação dos territórios, criando identidades e estratégias de coerção e violência, bem como fortalecendo o poder econômico do crime não apenas pela venda da droga, mas também pela cobrança de taxas aos comerciantes e moradores dos bairros.

Sobre compreender as implicações socioespaciais da atuação do narcotráfico em relação ao cotidiano da população, constatou-se a realização de diferentes práticas por parte do narcotráfico com provocações na vida dos moradores do Guamá e da Cabanagem. Como exemplo, têm-se o controle de serviços, a proibição de assaltos em um processo de pacificação por meio do crime, a coerção, o disciplinamento, dentre outras práticas que resultam no controle das áreas nas quais ocorrem as práticas de extorsão impostas pela facção.

Desta forma, através desse estudo se analisou a dinâmica territorial do narcotráfico nos bairros Cabanagem e Guamá, onde o que se tem observado é uma territorialização da facção criminosa CV nas periferias de Belém, algo que compromete o direito de ir e vir da população e cria estigmas sociais, além de intensificar a violência, comprometendo a presença do Estado nestes bairros. Acredita-se aqui que a melhor forma de enfrentamento ao crime organizado é a eliminação das desigualdades e vulnerabilidades sociais, algo que só é possível através de políticas públicas democráticas com participação popular e direcionadas para atender verdadeiramente as reais necessidades das periferias de Belém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Aiala Colares de Oliveira. **Do poder das redes as redes do poder: necropolítica e configurações territoriais sobrepostos do narcotráfico na metrópole de Belém-Pa.** Belém. Programa de Pós Graduação em desenvolvimento sustentável do trópico úmido – PPGDSTU, 2018 (Tese de doutorado).

_____. **Geopolítica do narcotráfico da Amazônia.** Curitiba: Appris, 2024.

_____. Gangues, pichações e facções: evolução e configuração geográfica dos territórios do tráfico de drogas na periferia de Belém. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, v. 7, n. 2, 2020.

COUTO, Aiala Colares Oliveira; DA ROSA, Leandro Maciel Sarrazin; NUNES, Isac José Murta. Dinâmicas do narcotráfico e controle territorial do Comando Vermelho nas periferias de Belém. IN: **Revista GeoAmazônia**, V. 13, n. 25, 2025. p. 25-44. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/geoamazonia/article/view/17766>. Acesso em: 24 abr 2025.

DE MORAIS, Marcelo Navarro. Uma análise da relação entre o Estado e o Tráfico de Drogas: o mito do "Poder Paralelo". **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, [S. l.], v. 5, n. 8, p. 117–138, 2000. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/1434>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Editora Bertrand Brasil, 2014.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2022**: Características de Domicílios resultados do universo. Rio de Janeiro (RJ): IBGE, 2022.

INSTITUTO MÃE CRIOLA. **Cartografias da Violência na Amazônia**. 2. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://institutomaecrioula.org/publicacoes/>. Acesso em: 23 out 2024.

_____. **Cartografias da Violência na Amazônia**. Vol. 3. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://institutomaecrioula.org/publicacoes/>. Acesso em: 23 out 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Emanir Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. Por uma geografia das redes. In: SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo (SP): Hucitec, 1996. p. 208-222.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2008.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Formação metropolitana de Belém (1960-1997)**. Belém: Paka-Tatu, 2016.

UNODC - UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **The drugs-crime nexus in the Amazon basin**: How a complex crime ecosystem is endangering the world's largest rainforest and imperilling efforts to combat climate change. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/world-drug-report-2023.html>. Acesso em: 12 fev 2025.